

RUA JOÃO CARDOSO

Decreto nº 4994 de 09-11-1976

Formada pela rua sem denominação sita no quarteirão nº 1.358 do Cadastro Municipal

Início na avenida Barão de Monte Alegre

Término no balão de retorno

Jardim Bonfim

Obs.: Do decreto assinado pelo Prefeito Lauro Péricles Gonçalves, consta: "João Cardoso (1884-1933) Jornalista". Protocolados nºs 13.397 de 01-04-1969, 23.349 de 09-09-1976.

JOÃO CARDOSO

João Cardoso nasceu em Campinas em 08-dezembro-1884 e aqui faleceu em 24-dezembro-1933. Era filho de João Cardoso dos Santos e Carolina dos Santos e foi casado com Judith Breda Cardoso. Ainda menino João Cardoso acompanhava o pai e pouco depois, sozinho, invadia o interior como tropeiro, levando mercadorias, principalmente café. Aos 18 anos empregou-se como manobrador no pátio da estação Carlos Botelho, da Estrada de Ferro Funilense, e por seu esforço atingiu a chefia da estação. Enquanto trabalhava na ferrovia estudou em escola noturna em Campinas e depois, formou-se pela Escola de Comércio "Bento Quirino", casando-se também em nossa cidade. Havendo a E. F. Sorocabana encampada a Funilense João Cardoso foi transferido como chefe geral dos armazéns da Sorocabana, no Bonfim. Nas horas que lhe sobravam passou a vender e comprar propriedades agrícolas, além de lenheiros e tropas. Em 1925, demite-se da Estrada de Ferro para aceitar o convite para supervisionar as vendas de terreno do loteamento Jardim Chapadão. Em dois meses João Cardoso vende 60% dos lotes, ficando rico da noite para o dia. Com escritório particular na cidade, João Cardoso amplia seus negócios e investe em café em larga escala. Organiza e vende o loteamento da Vila Marieta, com sucesso extraordinário. Entretanto, os carros, imóveis, entre as quais três fazendas, e tudo que amealhou durante anos, perde, para pagar dívidas que a "crack" do café em 1929 o alcançou. Em 1932, teve ativa participação na Revolução paulista e quando começa a sentir as primeiras reações do mercado, conseguindo recomeçar sua vida e se preparava para chefiar um novo e grande empreendimento agrícola, no Paraná, é vítima de um acidente operatório, vindo a falecer às vésperas do Natal de 1933.

**DECRETO N.º 4994, DE 09 DE NOVEMBRO DE 1976****Dá denominação a uma Via Pública da Cidade de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de Dezembro de 1969,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada JOÃO CARDOSO (1884 — 1933) — Jornalista — a Rua S/D, sita no quarteirão n.º 1358, com início na Avenida Alberto Sarmiento e término num balão de retorno.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 9 de novembro de 1.976.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 13397 de 1 de abril e do protocolado n.º 23349 de 9 de setembro de 1976, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em data supra.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

RETIFICAÇÃO**DECRETO N.º 4994, DE 09 DE NOVEMBRO DE 1976.****Dá denominação de uma Via Pública da Cidade de Campinas.**

Na parte final, onde se lê:
constantes do protocolado n.º 13397 de 1 de abril e do protocolado n.º 23349 de 9 de setembro de 1976,

LEIA-SE:
"constantes do protocolado n.º 13397 de 1 de abril de 1969 e do protocolado n.º 23349 de 9 de setembro de 1976."

Campinas, 10 de novembro de 1976

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

ABRILHADA DE UMA VIDA ÚTIL

JOÃO CARDOSO : Nasceu em Campinas no dia 8 de dezembro de 1884, filho de João Cardoso dos Santos e D. Carolina dos Santos, originários de São José dos Campos, no vale do Paraíba.



O pai de João Cardoso era "tropeiro", uma atividade sucedora na linha das antigas "Bandeiras", mas, na época, cada vez mais confinada às "bocas de sertão", em razão da penetração ferroviária e a abertura de estradas do fim do século.

A sua "tropa", no gênero, era das maiores. Nas "entradas" era composta de trinta animais-cargueiros e, na volta, trazia o dobro de animais, geralmente carregados de café.

Nas "pontas dos trilhos", localidades que marcavam o limite do avanço das ferrovias em expansão, o velho João Cardoso dos Santos, entregava o café aos consignatários que o redespachavam pela ferrovia, selecionava a metade dos animais da sua "tropa", vendia os demais, contratava novos peões, carregava os cargueiros com novas mercadorias e, no cumprimento do seu destino anejo, ganhava novamente a estrada de volta de volta ao sertão.

Após completar dezoito anos, com o assentimento dos pais, João Cardoso essa vida de aventuras e, desejoso de progredir, empregou-se como simples manobrador, no pátio de Carlos Botelli que era como se denominava a estação de Campinas, da Estrada de Ferro Funilense, no lado do mercado.

Em sua primeira promoção na Estrada de Ferro, foi designado para chefiar e fiscalizar o "lenheiro" de José Paulino, uma pequena estação ferroviária, num modesto povoado, a sementeira da hoje exuberante cidade de Paulínia.

Em José Paulino, conheceu João Cardoso uma linda moça italiana de nome Judith, filha do negociante João Breda e de D. Amabile Breda, imigrantes italianos dos primeiros que chegaram a Paulínia, com quem se casou, transferindo-se então, definitivamente para Campinas.

Em Campinas, no propósito de inscrever-se, matriculou-se João Cardoso numa Escola Primária noturna. Concluído o curso das primeiras letras, prosseguiu na caminhada ingressando na "Escola de Comércio Bento Monteiro", onde, diplomado, empregou-se, trabalhando à noite como amanuense.



Na Estrada de Ferro foi subindo, pouco a pouco, de grau a grau. Guardou o cargo de Freios, Ajudante de Trem de Passageiros e, um ponto alto, Chefe de Trem de Passageiros.

Desse "importante" cargo, já em 1923, passou a Conferente e, logo depois, a Sub-Chefe da Estação de Carlos Botelho, para no ano seguinte, encampada a Estrada de Ferro Funilense pela Sorocabana, passar a Chefe Geral dos Armazens da Estrada no Bonfim.

Durante todo o tempo em que trabalhou na Estrada de Ferro, João Cardoso, muito ativo e inteligente, soube cultivar preciosas amizades que muito lhe valeram nas atividades em que dedicou nas horas que lhe sobravam da intensa labuta. Dessa forma dedicava-se a venda e compra de propriedades agrícolas, na compra, por conta-própria, de lenheiros e "tropas" comércio que conhecia desde a mocidade, de tudo isso se aproveitando para, a duras penas, ir aumentando o seu patrimônio, constante já de casa própria, terras e outros bens.

Na revolução de 1924, a pedido do Dr. Heitor Fenteado, que malgrado o seu de taque e a diferente posição social era muito seu amigo, supervisionou dois grandes núcleos de abrigo e proteção aos refugiados de bombardeios a que estava submetida a Capital, coordenando a ajuda de ecoteiros e voluntários na tarefa de assistir a esses desabrigados, na Escola Corrêa de Melho, no largo do mercado, e na sede da Associação Comercial, que então se localizava na rua Benjamin Constant, onde hoje estão instalados os estúdios da nossa Rádio Cultura.

Ainda na mesma ocasião, prestando serviços de guerra, organizou e supervisionou, por ordem do general Ataliba Leonel, cinco trens militares Sorocabana, que transportaram tropas para o Estado do Paraná, em perseguição aos revolucionários.

O ano de 1925 marcou uma mudança radical na vida de João Cardoso. Atendendo ao convite de uma das suas mais preciosas amizades, a do sr. Octavianinho Alves de Lima, proprietário da "Fazenda Chapadão", demitiu-se da Estrada de Ferro Sorocabana, passando a supervisionar a venda de terrenos do "JARDIM CHAPADÃO"-primeiro loteamento instituído em Campinas.

1925 - da Companhia City, de São Paulo.

Nessa tarefa, trabalhando com grande entusiasmo, descobriu João Cardoso os seus prediados verdadeiros, ao vender, em pouco mais de seis meses, mais de sessenta por cento dos lotes do "Jardim Chapadão", tornou um homem rico, de noite para o dia.

Homem de visão, percebendo que o principal entrave para a acção de terrenos era a falta d'agua, sugeriu e conseguiu do sr. Felisberto Alves de Lima a montagem de um grande Poço Artesiano, exatamente no local onde hoje se localiza o "Castelo D'agua", cujos trabalhos de perfuração foram suspensos, diante da resolução da nossa diligente Prefeitura Municipal ao concordar em stenacer a canalização de agua até ao novo e florescente bairro. Terminada a venda dos terrenos do "Jardim Chapadão", bairro cuja fundação e progresso foi de sua exclusiva iniciativa, passou João Cardoso aos negócios de corretagem em geral.

Grande entusiasta e incentivador do progresso de Campinas, enchia de anuncios os órgãos de imprensa da Capital enaltecendo a excelência do nosso clima, a nossa história, a nossa tradição.

O seu modo de conduzir os negócios era diferente. Entusiasmava - e sabia transmitir o seu entusiasmo. Se ainda vivesse, o espantoso progresso de Campinas não o surpreenderia. Ele já o adivinhava, nas suas preleções sobre o nosso futuro quarenta anos atrás.

Foi o primeiro agente intermediador de venda de dezenas de casas, terrenos e chacaras, na cidade. Foi o pioneiro da profissão de Corretor entre nos.

No seu escritório, nos baixos da sua residência, na rua Duque de Caxias, nº 81, no Largo São Benedito, prédio que ainda existe, reformado, de frente para a praça, uma casa antes da confluência das ruas Irmã Serafina e Duque de Caxias, foram transacionadas dezenas de fazendas, sítios e outras propriedades, no Municipio, no Estado e mesmo na Capital.

Além das suas atividades como corretor propriamente ditas, passou João Cardoso a negociar CAFÉ, em larga escala, decisão que, como vemos adiante, foi-lhe desastrosamente prejudicial.

Para tal comercialização, além das viagens constantes que empreendia, para as zonas da Noroeste e da Alta Mogiana num dos dois automóveis que possuía, mantinha João Cardoso, quando em Campinas, no centro, uma espécie "sui generis" de escritório, uma mesa que ocupava todas as tardes na tradicional e luxuosa Confeitaria Cazuzza - a mesa do Cardoso - onde tratava com

circadas de latas enferrujadas no formato de antigas latas de manteiga, ou de isso formando contraste com as finas linguarias que eram servidas naquela casa de primeira classe que então se localizava onde estão estabelecidas as Lojas Garbo, na confluência das ruas General Barão de Jaguará e Barão de Jaguará.

Foi nessa mesa, no Cazuzá, que nasceu um dos mais importantes bairros da cidade: A Vila Marieta.



Foi numa tarde em que, por uma razão qualquer, o eminente financista campineiro Mário Siqueira, diretor do Banco do Comércio e Indústria tinha ido ao Cazuzá, que ao cumprimentar João Cardoso, de quem era grande amigo, apresentou-lhe a pessoa que estava em sua companhia o fazendeiro Ranulpho de Campos Salles.

Na conversa que então se estabeleceu, tendo vindo a baila, como referência, o caso do "Jardim Chapadão", entusiasmou-se Ranulpho de Campos Salles e contou a João Cardoso que, na "Vila Carlito", propriedade que havia adquirido recentemente de Osvaldo Bueno, tradicional agricultor do Município, havia uma grande faixa de terra, a esquerda da estrada de São Paulo, cuja extensão chegava até ao muro do cemitério, na Avenida da Saudade, pedindo a opinião de João Cardoso sobre se achava possível organizar no local, um tanto deserto e sem atrativos, um loteamento.

Ao contrario de Ranulpho de Campos Salles, achou João Cardoso excelente o negócio. Argumentou que, próximo ao local, na rua Abolição, em pouco mais de um mês havia recentemente vendido todo um pequeno loteamento denominado "Chacara Vieira", e propriedade de uma firma paulistana a Fides S.A.

Concordando com o negócio, Ranulpho de Campos Salles na mesma hora tudo acertou com João Cardoso, escolhendo inclusive o nome para o novo bairro campineiro: VILA MARIETA, nome da ilustre senhora Ranulpho de Campos Salles.

Ja no dia seguinte, como encarregado exclusivo de todo o empreendimento, contratou João Cardoso os serviços do engenheiro Carvalho Guerra, que deu imediato início a divisão dos lotes, ao arruamento e mapeamento, chamando ainda para secundá-lo, o engenheiro Arnão Paes (Cruz, ao tempo em que se dava o início às vendas que em poucos meses alcançaram um total de mais de 80%, tornando João Cardoso fundador, com absoluta exclusividade, de mais um bairro da sua querida Campinas.

João Cardoso, entretanto, que como afirmamos atrás, havia invertido quasi que a totalidade dos seus bens na comercialização do café, associando-se à nomes e firmas cujas lembranças não vêm ao caso, diante da cessação do financiamento da rubiácca pelo Banco do Estado, na crise de 1929, tomou um vultosíssimo prejuizo.

Para pagar a todos os seus creiores e satisfazer todos os seus compromissos, perdeu a totalidade dos seus bens. Prédios, sítios, parte em fazendas, valiosos terrenos na Capital e, por fim, a sua própria residência da rua Duque de Caxias, tudo foi vendido. Não ficou devendo nada a ninguém, mas voltou ao marco zero.

Espírito de lutador, quando já feito refeito das derrotas de 1929, se preparava para chefiar um novo e grande empreendimento agrícola, no vale do Tibagy, no Paraná, foi vítima de um acidente operatório vindo a falecer no dia 24 de Dezembro de 1933, na sua querida Campinas, na terra que tanto amou e engrandeceu.

